

O que há de novo num texto velho – a propósito do artigo de Heider: «*Social Perception and Phenomenal Causality*» (1944)

JORGE VALA *

Fritz Heider nasceu em Viena em 1896 e doutorou-se na Universidade de Graz (1920). Depois de alguns anos na Universidade de Hamburgo, partiu em 1930 para os EU, a convite de Kurt Koffka. Em 1947 iniciou o seu trabalho na Universidade de Kansas, vindo a falecer em 1988 com 92 anos.

Segundo o próprio Heider, a sua vida foi conduzida por um «espírito amigo» (Snyder, 1988). Muito jovem ainda, conheceu Kurt Lewin em Berlim e voltou a encontrá-lo nos Estados Unidos. Emigrou para este país antes da ascensão do nazismo e em melhores condições do que muitos dos seus colegas alemães e austríacos. Iniciou o seu trabalho no ambiente dinâmico, criativo e eclético da Áustria pré-II Guerra, sendo companheiro de Egon Brunswick, Marie Jahoda, Paul Lazarsfeld, entre outros. Mas na vida e obra de Heider nem tudo foi fruto do tal «espírito amigo». O «espírito de contradição», na expressão de um amigo meu, também o perseguiu. Quando em 1921, ainda em Graz, Heider expôs pela primeira vez as suas ideias sobre a percepção de pessoas e atribuição, a assistência riu. Mais tarde, em 1940, ao falar sobre este mesmo problema em Harvard, a assistência, entre a qual se encontravam Besnner e G. Allport, não riu, delicadamente abandonou a sala no fim da sessão, sem qualquer pergunta ou comentário (Snyder, 1988). E

se a sua «Psicologia das Relações Interpessoais», obra redigida ao longo de 15 anos, e publicada em 1958, o consagrou como um dos fundadores da psicologia social, é também verdade que a maioria das publicações sobre a atribuição o consideram um avô distante, erigindo outros autores como marco de referência.

A leitura deste texto de Heider constituiu uma oportunidade de rever o seu trabalho sobre a atribuição, levando-me a colocar algumas questões sobre a atribuição causal e a estruturação cognitiva do meio e sobre a atribuição causal e as relações inter-individuais. Por último, suscitou a minha curiosidade sobre um contemporâneo de Heider, Ichheiser.

ATRIBUIÇÃO CAUSAL E ESTRUTURAÇÃO COGNITIVA DO MEIO

Os estudos sobre a atribuição têm focado dois tipos de problemas — a modelização das inferências causais sobre comportamentos, ou seja os antecedentes da atribuição e o processamento da informação; e a análise dos efeitos da atribuição na estruturação cognitiva do meio. Contudo, o primeiro destes problemas tem recebido maior atenção do que o segundo. Ora neste texto, Heider não só inicia de forma original o estudo dos antecedentes da atribuição, como formula um certo número de tópicos sobre as suas

* Professor Auxiliar no ISCT. Investigador do Instituto de Ciências Sociais.

consequências, que permanecem ainda hoje estimulantes e que não parecem ter tido eco na investigação neste domínio.

Relativamente ao primeiro problema, saliente-se a relevância atribuída por Heider à estrutura do meio/estímulo na organização das atribuições. Na boa tradição gestaltista, o autor enuncia, a partir dos mecanismos de assimilação/contraste, alguns princípios que põem em relevo a importância da natureza da informação-estímulo no processo de atribuição. Contudo o desenvolvimento da cognição social viria a enfatizar o papel das estruturas de conhecimento (p. ex., os esquemas) na elaboração das atribuições. Se a importância de tais estruturas cognitivas parece hoje inquestionável, tal não pode obstar à necessidade de uma descrição do estímulo como condição da compreensão do seu papel activador (veja-se a este propósito o texto de Markus e Zajonc, 1985, págs. 165-169).

Em segundo lugar, Heider não esquece o papel das emoções na produção das atribuições. Vivia-se, à data do texto, o paradigma conhecido por New Look e esta atenção de Heider aos aspectos avaliativos e afectivos é bem um fruto do espírito do tempo. Ora, na década de setenta, a chamada «cognição fria» desenhava o homem como um *faulty computer* e esqueceu o que Kubrick não esqueceu quando deu forma a Hal, no célebre 2.001. Que muitos sociólogos tenham dificuldade em pensar que os outros homens pensam, é compreensível. Que os psicólogos cognitivos tenham ignorado coisas tão elementares como o amor e o ódio, é igualmente compreensível, mas (im)perdoável.

Finalmente, logo no início do texto, Heider discute um problema que ainda hoje nos apaixona e é objecto de controvérsia entre os que estudam a atribuição — a tendência para sobreavaliar o papel dos factores disposicionais na explicação dos comportamentos. Repare-se como Heider traz para a abordagem desta questão contributos tão diversificados como, por exemplo, os de Fauconnet, Piaget, Tylor e Stern. Articular na discussão deste problema perspectivas genéticas, fenomenológicas, antropológicas e sociológicas, abre o campo de discussão e contraria as abordagens em que o fecharam as posições ditas clássicas sobre a atribuição. Note-se, aliás, que o termo *bias* ou *erro* não é utilizado por Heider, o que coloca o problema de uma forma epistemologicamente diferente daquela em que é predominantemente abordado.

O segundo tipo de questões associadas à pesquisa sobre a atribuição é relativo aos efeitos deste processo na estruturação cognitiva do meio, na percepção dos outros, na auto-percepção e nos estados emocionais do atribuinte. Como se disse, este segundo tipo de questões tem merecido menor atenção do que o primeiro. Pois bem, também a este nível, ou sobretudo a este nível, o texto de Heider é precursor. Leiam-se as hipóteses deste autor relativamente às consequências emocionais da atribuição e recorde-se, por exemplo, a célebre experiência de Schachter e Singer (1962) sobre a auto-atribuição de emoções: em determinadas circunstâncias, a auto-atribuição de um estado emocional é consequência da atribuição de uma emoção a um outro em situação idêntica. E de entre os exemplos apontados por Heider para ilustrar a influência da atribuição na dinâmica interna do atribuinte, saliente-se a referência à teoria frustração-agressão. Como é sabido, já na altura em que Heider escreveu este texto, esta teoria havia sido objecto de reformulações, e o próprio Heider sugere a introdução dos processos de atribuição na mediação frustração-agressão. Quarenta anos mais tarde, Berkowitz (1989), ao reexaminar de novo esta mesma teoria, sublinha exactamente a necessidade de uma atribuição para que a relação frustração-agressão se possa verificar. Curiosamente, Heider não é citado.

ATRIBUIÇÃO CAUSAL E RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

Este texto de Heider levou-me a reler a sua Psicologia das Relações Interpessoais. A questão que me pus foi a de saber se de facto este autor analisava o processo de atribuição a partir de um nível de explicação unicamente individual, tal como o faz neste artigo. De facto assim é. E esta perspectiva de análise viria, aliás, a marcar a maioria dos trabalhos posteriores sobre a atribuição.

Em vários dos meus trabalhos analisei as condições de produção das atribuições salientando a relevância das representações sociais e das inserções posicionais dos indivíduos na compreensão da construção de esquemas causais e na produção de atribuições de causalidade.

Este artigo de Heider, por omissão e por associação com o título da sua obra magna, suscitou-me

o interesse em pensar as atribuições no contexto das relações interpessoais. Ou seja, como um processo de negociação interindividual de significados, ele próprio regido pelas normas que organizam o contexto da interação, pelas estratégias de auto-apresentação e comunicacionais e pelas identidades situacionais. Dir-se-ia que, nesta perspectiva, a atribuição é orientada por um efeito de audiência: o discurso sobre a causalidade de um fenómeno ou de um comportamento é um acto de comunicação que envolve um locutor e um interlocutor, e é no quadro dessa relação interindividual ou outra que deve ser compreendido e explicado⁽¹⁾. Esta proposta não dispensa nem o nível de análise privilegiado por Heider, nem o nível de análise ideológico e posicional. Pelo contrário, articula-os na unidade de análise que constitui o nó central da psicologia social — as relações de sujeito a sujeito como acto de comunicação. A psicologia social, enquanto nova ciência social sem vocação hegemónica, poderá contribuir para a refundação emergente das ciências sociais se souber retomar a fecundidade analítica do nível de explicação interindividual. Perdoe-me o leitor esta breve deriva.

QUEM É ICHHEISER?

É natural que o leitor, tal como eu, quando estuda um texto, procure saber um pouco mais sobre a obra de um ou outro dos autores nele citados. Ao ler o texto de Heider, verifiquei que um dos autores mais citados, e citado em diferentes momentos do artigo, era Ichheiser. Lembrei-me que já o vira referido por Farr (1984) em apoio da reinterpretação do chamado *erro fundamental* no quadro do conceito de representação social. Procurando novas referências sobre este autor, uma vez que as suas publicações são de difícil acesso (datam dos anos 30 e 40 e são na sua maioria em alemão), encontrei um artigo que é dedicado à sua biografia e à análise da sua bibliografia (Rudmin *et al.*, 1987). Ichheiser estudou em Graz, e foi colega de Heider. Tal como Heider emigrou para os EU, embora mais tarde, em pleno

⁽¹⁾ Para uma discussão do fenómeno da atribuição causal no quadro das estratégias comunicacionais, sugiro, por exemplo, a revisão de literatura elaborada por Crittenden (1989).

nazismo, e em piores condições, pois nunca conseguiu nesse país uma integração académica estável. Tal como Heider, Ichheiser é um precursor e no estudo da atribuição. Contudo, se Heider privilegiou o nível de análise individual, Ichheiser privilegiou o nível de análise ideológico. Refiro apenas dois exemplos. Num dos textos citados por Rudmin *et al.* (1987) e datado dos anos trinta, Ichheiser reflecte já sobre a sobreavaliação dos factores disposicionais no discurso causal de senso comum, fenómeno que explica por referência à ideologia liberal, segundo a qual a acção humana depende de factores internos, das qualidades pessoais: «Seríamos nós, enquanto indivíduos e não as condições sociais dominantes, quem daria forma às nossas existências». E a propósito da sobreavaliação das aptidões na explicação do sucesso e do fracasso, Ichheiser considera que tal facto serve a auto-estima dos socialmente favorecidos e justificaria as desigualdades sociais e a ordem social dominante.

Pensar a atribuição causal a partir dos trabalhos paradigmáticos dos anos setenta e oitenta é, pois, empobrecedor. Afinal, um texto velho é tão estimulante como um caderno novo, é um convite à arqueologia do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BERKOWITZ, L. (1989) — Frustration — Aggression Hypothesis: examination and reformulation. *Psychological Bulletin*, 106 (1): 59-73.
- CRITTENDEN, K. S. (1989) — Causal attribution in sociocultural context. *The Sociological Quarterly*, 30 (1): 1-14.
- MARKUS, H. e ZAJONC, R. B. (1985) — The Cognitive Perspective in Social Psychology. In G. Lindzey e E. Aronson, *The Handbook of Social Psychology*, 3.^a edição. New York: Random House.
- RUDMIN, F., TRIMPOH, R. M., KRYL, I. e BOSKI, P. (1987) — Gustav Ichheiser in the history of social psychology: an early phenomenology of social attribution. *British Journal of Social Psychology*, 26: 165-180.
- SCHACHTER, S. e SINGER, J. E. (1962) — Cognitive, social and physiological determinants of emotional states. *Psychological Review*, 69: 379-399.
- SNYDER, C. R. (1988) — Attributions and the Heider legacy. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 7 (2-3): 1-4.